

Aspirações sociais dos adolescentes*

A observação de algumas gerações de adolescentes trouxe-nos, ao longo do nosso trabalho no IOP, a necessidade de estudar o significado dos interesses profissionais de nível superior, num momento da vida do adolescente em que esses interesses superiores poderiam eventualmente coincidir com as aspirações sociais e determinar a forma como estas aspirações se projectam no mundo do trabalho.

A vivência de um desajuste que se nos afigurava grave levou-nos a várias tentativas de análise e de estudo¹. Nesta caminhada através de grandes obstáculos teóricos e práticos foi determinante o contacto com a obra de Paul Henri Chombart de Lauwe e o acompanhamento que a este trabalho tem sido dado por esse professor no âmbito de uma colaboração enriquecedora e estimulante com o Centro de Etnologia Social e Psicossociologia, que dirige na Escola de Altos Estudos de Ciências Sociais (EHES), de Paris.

O trabalho que agora apresentamos é constituído por três partes: a primeira é uma introdução e resume a investigação relativamente aos interesses profissionais de nível superior que, por hipótese, identificamos com as aspirações sociais; a segunda é a análise dos interesses profissionais de nível médio, que supomos representativos dum esforço de enquadramento social, e dos interesses de nível inferior, que interpretamos como significativos de rejeição; e na terceira parte apresentamos seis entrevistas que são

* Esta comunicação ao Congresso Nacional da Juventude e Adolescência (Porto, Outubro de 1985) é parte duma investigação de que somos responsáveis no IOP de Lisboa, que tem contado com os subsídios eventuais da Fundação Calouste Gulbenkian e com a colaboração emprehada e gratuita do Prof. Galvão de Melo, da Escola de Saúde Pública de Lisboa.

¹ Mencionamos estes trabalhos como tentativas dum tactear que está longe de nos ter levado a um caminhar seguro: «O problema das aspirações profissionais», in *Análise Social*, Lisboa, 1967, n.º 19; *O Nível das Aspirações Sociais*, Seminário Ibero-Americano de Orientação Escolar e Profissional, Madrid, 1967 (não publicado); *O Estudo e o Seu Meio*, comunicação ao Congresso Mundial de Orientação, México, 1969 (não publicado); *Estudo do Enquadramento Relativo aos Problemas de Orientação Vocacional no Contexto das Transformações Sociais e Culturais Induzidas pelo Processo de Desenvolvimento Económico*, trabalho de análise a nível nacional feito para o Secretariado Técnico da Presidência do Conselho, em colaboração com o Prof. Fernando Galvão de Melo e o Dr. J. Carlos Ferreira de Almeida, Lisboa, 1970; *Problemática das Aspirações Sociais, Interesses Profissionais*, comunicação ao I Congresso de Psicologia, Lisboa, 1975 (não publicado); «Projecto de vida, mudança social e orientação», comunicação ao Congresso da Associação Internacional de Orientação Profissional, Lisboa, 1975, publicado nas *Actas do Congresso*, 1977; «O difícil acesso à génese das aspirações sociais», in *Psicologia*, revista da Associação Portuguesa de Psicologia, Lisboa, vol. v, n.º 2, 1987; «Aspiração social e mudança», in *Dez Anos Depois*, ed. Associação 25 de Abril, Lisboa, 1984.

o início de uma nova fase da nossa investigação, baseada na observação directa, qualitativamente aprofundada.

O instrumento utilizado na recolha de dados, o *Questionário de Interesses Profissionais*, de Kuder², empregue nos exames de orientação do IOP, apresenta grandes vantagens: a primeira deriva do conhecimento que a sua utilização durante anos seguidos nos proporcionou; em segundo lugar, o facto de o *Questionário* não mencionar directamente a profissão, mas antes se basear na escolha de actividades, o que confere um maior grau de elaboração ao perfil obtido; não fica, além disso, a escolha dependente do conhecimento que o aluno possa ter ou não da respectiva actividade profissional, ignorante ele próprio, em muitos casos, da existência de tal ou tal profissão. Importante ainda o facto de na nossa primeira amostragem, que compreendia observações entre o ano de 1963 e o de 1976, inclusive, num espaço portanto de catorze anos, as escolhas do *Questionário* se terem distribuído de uma forma estatisticamente considerada válida: 28% de escolhas de nível superior, 45% de escolhas de nível médio e 27% de escolhas de nível inferior; e, finalmente, o factor importante de termos à disposição o arquivo dos *dossiers* individuais completos de alunos observados e ser sempre possível, numa análise indirecta, a correlação dos dados, ou um eventual apelo à observação directa³.

Em 1979 demos como razão deste nosso estudo, não só a vivência que, como psicóloga orientadora, tivemos de desajustes e ambivalências revelados em entrevista e confirmados pelos resultados do *Questionário* de Kuder, mas também o contacto directo com Solange Larcebeau, do INOP de Paris, que nos expôs verificações que poderiam ajudar a equacionar dúvidas que empiricamente tínhamos detectado; depois de vários estudos no *Boletim do INOP*, Solange Larcebeau publicou em 1973 um estudo sobre interesses, orientação e sucesso escolar. Nesse estudo se dá conta de que a correlação entre os interesses profissionais manifestados e o rendimento escolar, na respectiva área, é muito baixa e ainda, o que importa mais para o nosso trabalho, que essa correlação aumenta se, em vez de cursos e classificações, se medirem níveis de satisfação e estabilidade profissional⁴.

Mais tarde, completando este dado, de cuja importância já nos tínhamos apercebido nas entrevistas e observações individuais efectuadas, a distinção entre necessidade-obrigação e necessidade-aspiração, feita por Chombart de Lauwe⁵, tornou mais rica a nossa reflexão e permitiu-nos a hipótese de considerar os interesses profissionais no final do curso secundário representativos do papel social e do projecto individual, funcionando como charneira entre estas duas necessidades: *obrigação e aspiração*.

Um desequilíbrio entre a *aspiração social do indivíduo* e a *obrigação social*, a ser diagnosticado, levar-nos-ia possivelmente a supor a existência de uma tensão dificilmente redutível entre *os sistemas de valores e as con-*

² Kuder, *Preference Record Vocational*, forma C, 1942.

³ Estamos neste momento a analisar os itens do *Questionário* de Kuder para verificar se, através dos anos, o seu conteúdo semântico sofreu alterações capazes de modificar o significado das respostas durante o período de mais de vinte anos que constitui a nossa população de observação.

⁴ Solange Larcebeau, «Intérêts, Orientation et Réussite Scolaire», in *Orientation Scolaire et Professionnelle*, Paris, PUF, 1973.

⁵ Chombart de Lauwe, *Pour une Sociologie des Aspirations*, 2.^a ed., Paris, Donöel, 1969.

dições objectivas. Uma vez detectada esta tensão, cumpria averiguar se ela tendia, mesmo que com dificuldade, a assegurar um certo equilíbrio entre a adaptação ao meio, a que a socialização obriga, e a força transformadora que alimenta e renova as sociedades e os indivíduos; ou se, pelo contrário, essa tensão potencializada pela incapacidade social da sua redução tenderia a romper o equilíbrio, ou a enfraquecer de forma grave a dinâmica social, através da frustração⁶ e/ou da alienação.

A nossa amostragem⁷, de escolha aleatória e cuja validade foi testada, compõe-se de 273 raparigas e 294 rapazes, frequentando o último ano do ensino secundário, com aproveitamento positivo e idades compreendidas entre os 16 e os 18 anos, organizada em quatro grupos ao longo de 15 anos:

Grupo A	— anos de 1963, 1964 e 1965 = 137 indivíduos
Grupo B	— anos de 1966, 1967 e 1969 = 143 indivíduos
Grupo C	— anos de 1970, 1971 e 1974 = 134 indivíduos
Grupo D	— anos de 1976, 1981 e 1982 = 153 indivíduos
Total = 567 indivíduos

O perfil obtido na análise de cada grupo é coincidente com o perfil que obtivemos na totalidade da amostragem. Também as sondagens anuais, feitas desde 1982 a 1985, são reveladoras da persistência do perfil detectado na amostragem global⁸.

A este método de análise estatística sobre dados de recolha indirecta segue-se, desde 1984, a investigação mais detalhada e aprofundada através de entrevistas directas que vêm permitindo uma abordagem do problema de forma qualitativa, com o objectivo de facilitar a compreensão dos dados.

Esta orientação do trabalho, de mais difícil execução, segue o modelo de pesquisa qualitativa e aprofundada em universos reduzidos empregue pelo Centro de Etnologia e Psicossociologia Social, da EHESS.

1. INTERESSES PROFISSIONAIS DE NÍVEL SUPERIOR — ASPIRAÇÕES SOCIAIS

Os dados encontrados nesta primeira abordagem são dados cuja complexidade devemos assumir, e daí que o estudo feito seja uma hipótese de trabalho a ser testada por outras abordagens noutros meios sociais e com métodos de análise directa indispensáveis.

No gráfico 1 poder-se-á verificar que mais de 50% das raparigas do nosso grupo têm como aspiração social a actividade *científica* e que desejam quase em igual percentagem actividades ao *ar livre* (respectivamente 57,1% e 56,7%). A imagem que estes dados projectam, numa rapariga pre-

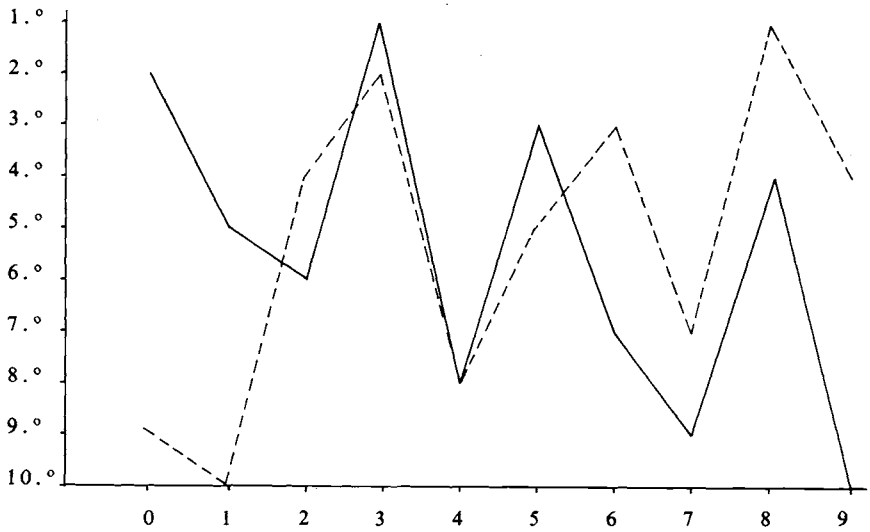
⁶ Entende-se uma «frustração passiva», que não gera agressividade, mas se interioriza em sentimento de culpa e autodestruição.

⁷ A primeira parte do trabalho, que aqui se resume, está publicada, com o título «O difícil acesso à génese das aspirações sociais», em *Psicologia*, revista da Associação Portuguesa de Psicologia, Lisboa, vol. v, n.º 2, 1987, pp. 189 e segs.

⁸ Seguindo a nomenclatura de Kuder, identificamos, na nossa investigação, os interesses profissionais de nível superior, como representativos das *aspirações sociais* dos indivíduos, os interesses de nível médio, como significativos da *obrigação social*, e os interesses de nível inferior, como indicativos de *rejeição social* por parte do indivíduo.

Aspirações sociais, rapazes e raparigas, 1963-82

GRÁFICO II



- 0 — Ar livre
- 1 — Mecânicos
- 2 — Contabilidade
- 3 — Científicos
- 4 — Persuasivos
- 5 — Artísticos
- 6 — Literários
- 7 — Musicais
- 8 — Sociais
- 9 — Burocráticos

Raparigas —————
 Rapazes - - - - -

Raparigas			Rapazes		
Interesses	Número de ordem	Percentagem	Interesses	Número de ordem	Percentagem
3	1.º	57,1	8	1.º	41,1
0	2.º	56,7	3	2.º	36,2
5	3.º	38,4	6	3.º	35,5
8	4.º	35,4	2	4.º	34,3
1	5.º	33,2	5	5.º	31,0
2	6.º	27,4	9	6.º	23,3
6	7.º	20,5	7	7.º	19,7
4	8.º	16,8	4	8.º	19,6
7	9.º	10,6	0	9.º	13,2
9	10.º	5,8	1	10.º	11,9

ferindo um trabalho concreto, criativo, que faz simultaneamente apelo ao nível mais conceptual do raciocínio, é tão estranha à imagem social por nós construída, como é a sua preferência pelo *ar livre*.

Ainda será altamente significativo que apenas 5,8% das raparigas manifestem interesses superiores *burocráticos*, quando, no mercado de emprego, as recatadas funções amarradas à secretária lhes estão especialmente reservadas.

Numa visão conjunta, igual anomalia será verificar-se: que o grupo raparigas dá aos interesses *mecânicos* o número de ordem 5 e que o grupo rapazes os coloca em último lugar, número de ordem 10. Os rapazes revelam-se interessados em primeiro lugar pelo *serviço social* e em terceiro lugar pelas actividades *literárias*, enquanto as raparigas, que enchem as Faculdades de Letras e as Escolas de Assistentes Sociais, se dizem interessadas apenas em sétimo lugar pelas actividades *literárias* e só em quarto lugar mencionam o *serviço social*.

No grupo rapazes, cada indivíduo tem um leque de interesses menos diversificado do que no grupo raparigas. Isto é, 273 raparigas fizeram 812 escolhas diferentes, enquanto 309 rapazes fizeram praticamente igual número de escolhas, 813.

Sintetizando: segundo a nossa amostragem, através de escolhas que permanecem constantes ao longo de vinte anos, poderemos concluir, por exemplo, que o grupo raparigas prefere em primeiro lugar profissões que sirvam os seus interesses *científicos* e não inclui nas suas aspirações privilegiadas as actividades *burocráticas*; o grupo rapazes ordena os seus interesses superiores entre a primeira escolha, *serviço social*, e a última, *interesses mecânicos*.

2. COMPROMISSOS ENTRE ASPIRAÇÕES E NORMAS SOCIAIS

O facto de os interesses profissionais exprimirem, a nível superior, a aspiração social do aluno no fim do ensino secundário é uma hipótese aceite no estudo anterior. Mais uma vez consideramos, no prosseguimento da investigação, que a escolha profissional nos finais do curso secundário se identifica com a projecção dos jovens na vida social e eventualmente poderá representar a força transformadora do seu projecto de vida.

Verificamos na primeira parte deste estudo que as aspirações sociais observadas (observação indirecta) durante os últimos vinte anos não reflectiam a distribuição no mercado de emprego e se colocavam fora dos valores sociais dominantes. Na intenção de melhor abordar este problema, propomo-nos agora analisar os interesses profissionais de nível médio, baseados nos dados da mesma amostragem.

Esta análise (quadro n.º 1) aproxima-nos mais da realidade, como se uma integração social conformista, feita a nível superficial, tentasse pôr o interesse profissional de acordo com o *quotidiano possível*.

Interesses profissionais de nível médio

[QUADRO N.º 1]

As cinco primeiras escolhas		As cinco últimas escolhas	
Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas
1.º — Ar livre	1.º — Mecânico	10.º — Literário	10.º — Musical
2.º — Contabilidade	2.º — Literário	9.º — Social	9.º — Científico
3.º — Científico	3.º — Social	8.º — Artístico	8.º — Burocrático
4.º — Musical	4.º — Persuasivo	7.º — Burocrático	7.º — Ar livre
5.º — Mecânico	5.º — Artístico	6.º — Persuasivo	6.º — Contabilidade

Se fizermos a comparação entre os dados obtidos no quadro n.º 1 e os dados que nos foram fornecidos pelo estudo das aspirações sociais, obtemos um quadro n.º 2, mais complexo, mas cuja leitura será talvez rica em sugestões.

**Comparação entre obrigações sociais (interesses profissionais de nível médio)
e aspirações sociais (interesses profissionais de nível superior)**

[QUADRO N.º 2]

Interesses profissionais	Rapazes		Raparigas	
	Médio	Superior	Médio	Superior
Ar livre	1.º	9.º	7.º	2.º
Mecânico	5.º	10.º	1.º	5.º
Contabilidade	2.º	4.º	6.º	6.º
Científico	3.º	2.º	9.º	1.º
Persuasivo	6.º	8.º	4.º	8.º
Artístico	8.º	5.º	5.º	3.º
Literário	10.º	3.º	2.º	7.º
Musical	4.º	7.º	10.º	9.º
Social	9.º	1.º	3.º	4.º
Burocrático	7.º	6.º	8.º	10.º

No quadro n.º 2, de leitura múltipla, poderemos tentar ver de imediato uma maior adequação dos interesses médios às normas sociais e ao mercado de emprego. O grupo rapazes, por exemplo, escolhe seguindo mais de perto as normas sociais: o seu gosto pelo *ar livre* (1.º), quando ao nível de aspirações se dizia desinteressado (9.º); parece ainda resignado a renunciar ao seu interesse pela actividade literária (10.º), que aparecia como uma das suas primeiras aspirações (3.º), na convicção, talvez, de que «isto de letras é para mulheres».

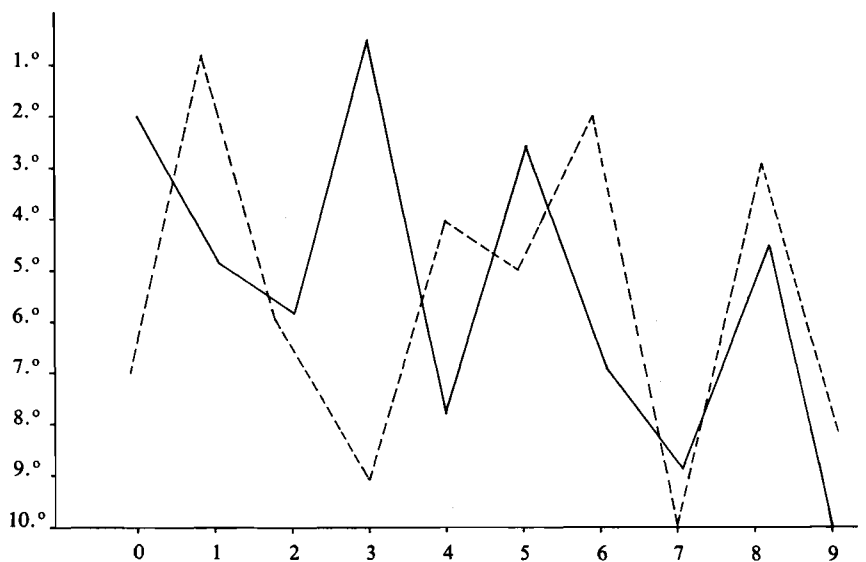
Iguais considerações poderemos tecer neste mesmo grupo quanto aos interesses *sociais* revelados como primeira aspiração (1.º), reduzida quase ao desinteresse no nível médio (9.º). Igualmente, a consciência, talvez, de que a *mecânica* é para homens coloca em nível médio o interesse pelas actividades dela decorrentes (5.º), quando, a nível superior, esse campo de acção tinha sido quase excluído (10.º) (gráfico II).

No grupo raparigas, o que parece mais curioso é a adaptação dos interesses *literários* à obrigação social (2.º), esquecendo que, nas suas aspirações, eles ocupavam o 7.º lugar. Porém, tal como nos surpreendeu que, ao nível de aspirações, as raparigas se afirmassem nitidamente pelas profissões *científicas* (1.º), nos surpreende agora, e no caso, que nos parece evidente, de os interesses profissionais médios corresponderem a uma maior adequação ao mercado de emprego, que as raparigas dêem, a nível médio, preferência à *mecânica* (1.º). Este facto, a comprovar-se, poderá pôr a hipótese teórica duma transferência da aspiração *científica*, marcada em primeiro lugar nos interesses superiores para a realização através duma actividade mecânica mais compatível com o carácter fazedor da actividade feminina que a sociedade impõe. A nível médio é maior o interesse dos rapazes pela actividade *científica* (3.º), enquanto as raparigas a colocam quase em lugar de recusa (9.º), conhecedoras talvez do nenhum peso social de tal opção (gráfico II).

Comparação entre aspirações e obrigações sociais

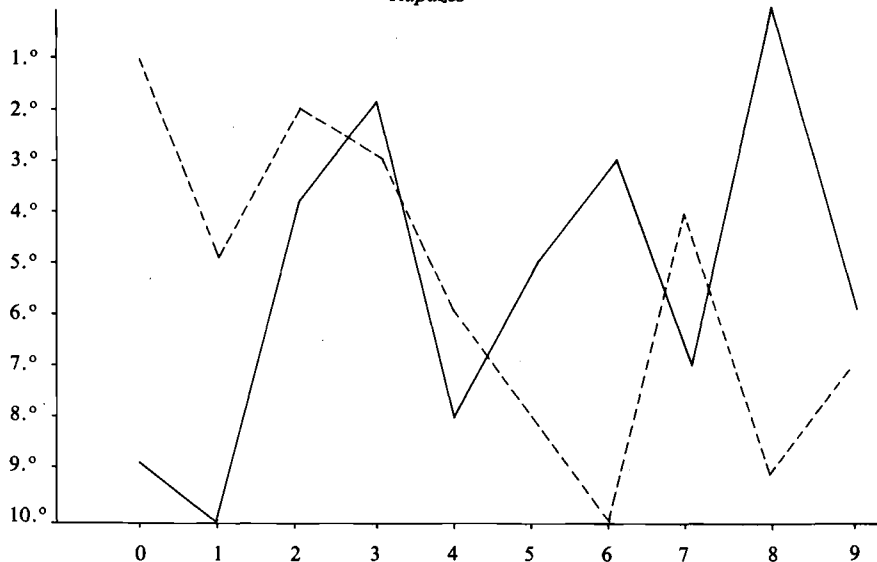
IGRÁFICO III

Raparigas



- | | | |
|-------------------|------------------|--------------------------|
| 0 — Ar livre | 5 — Artísticos | Aspirações sociais ————— |
| 1 — Mecânicos | 6 — Literários | |
| 2 — Contabilidade | 7 — Musicais | |
| 3 — Científicos | 8 — Sociais | |
| 4 — Persuasivos | 9 — Burocráticos | |

Rapazes



A confirmar-se que os interesses profissionais médios estão mais próximos da *necessidade-obrigação*, deveremos pôr a hipótese de uma percentagem muito elevada dos rapazes que compõem o nosso grupo ter tido de contrariar as suas aspirações, por imperativo social, em dois aspectos muito importantes: um, que marca a relação entre o homem e a sociedade (*serviço social*), e outro, que representa a ligação entre o homem e o ambiente (*ar livre*). Para se pôr de acordo com os valores dominantes, segundo o nosso estudo, o homem deverá renunciar às actividades de *serviço social* que diz preferir e deve ainda sustentar a imagem da mulher que se guarda em casa, enquanto o homem sai para trabalhar.

Por sua vez, a mulher será obrigada a interessar-se pelas actividades *literárias* (2.º), a renunciar às profissões *científicas* (9.º), a esquecer o seu desejo por actividades ao *ar livre* (7.º), comportando-se segundo os padrões sociais.

A interpretação do quadro n.º 2 tornar-se-á mais explícita à medida que o nosso trabalho de análise, por entrevista directa, for avançando.

3. CONDICIONANTES DAS REJEIÇÕES SOCIAIS DO INDIVÍDUO

Na intenção de melhor captar a génese das aspirações sociais, objectivo da nossa investigação, estudámos também os interesses profissionais de nível inferior que exprimem na nossa análise a *rejeição*, a recusa (quadro n.º 3).

Interesses profissionais de nível inferior

[QUADRO N.º 3]

As cinco primeiras rejeições		As cinco últimas rejeições	
Rapazes	Raparigas	Rapazes	Raparigas
1.º — Mecânico	1.º — Burocrático	10.º — Social	10.º — Ar livre
2.º — Persuasivo	2.º — Musical	9.º — Científico	9.º — Científico
3.º — Ar livre	3.º — Persuasivo	8.º — Literário	8.º — Social
4.º — Musical	4.º — Literário	7.º — Artístico	7.º — Artístico
5.º — Burocrático	5.º — Contabilidade	6.º — Contabilidade	6.º — Mecânico

Quadro comparativo: aspiração-rejeição

[QUADRO N.º 4]

Interesses profissionais	Rapazes		Raparigas	
	Rejeição	Aspiração	Rejeição	Aspiração
0 — Ar livre	3.º	9.º	10.º	2.º
1 — Mecânico	1.º	10.º	6.º	5.º
2 — Contabilidade	6.º	4.º	5.º	6.º
3 — Científico	9.º	2.º	9.º	1.º
4 — Persuasivo	2.º	8.º	3.º	8.º
5 — Artístico	7.º	5.º	7.º	3.º
6 — Literário	8.º	3.º	4.º	7.º
7 — Musical	4.º	7.º	2.º	9.º
8 — Social	10.º	1.º	8.º	4.º
9 — Burocrático	5.º	6.º	1.º	10.º

Se fizermos uma leitura do quadro n.º 3 à luz do quadro que exprime as aspirações sociais (interesses superiores), poderemos reflectir sobre o quadro n.º 4.

Se, no quadro n.º 4, analisarmos o sentido das aspirações e das rejeições, tanto no grupo rapazes como no raparigas, verificamos que a opção pelas actividades ao *ar livre* é determinante nos dois grupos, embora em sentido inverso: isto é, a grande percentagem de raparigas escolhe as actividades ao *ar livre*, ao contrário dos rapazes, que as rejeitam em igual percentagem; simetricamente, poucas raparigas rejeitam as actividades ao *ar livre*, enquanto a grande percentagem de rapazes as rejeitam. Esta mesma marcada escolha aparece no grupo raparigas quanto aos interesses *científicos*, *musicais* e *burocráticos*. As escolhas menos vincadas neste grupo situam-se nos interesses *mecânicos*, *contabilidade*, *serviço social*; os interesses *persuasivos*, *artísticos*, *literários*, embora marcada a diferença entre a percentagem de raparigas que os rejeita e aquela que a eles aspira, não excedem quatro números de ordem.

As recusas e as opções bem definidas no grupo rapazes, para além dos interesses por actividades ao *ar livre*, já referidas, situam-se nos interesses *científicos*, *mecânicos*, *serviço social* e *literários*. Nas actividades *contabilidade*, *artísticas*, *musicais* apresentam diferenças entre dois e quatro números de ordem. Os interesses *burocráticos* dividem ao meio aqueles que os rejeitam e aqueles que a eles aspiram.

Os gráficos que se apresentam são explícitos desta situação, que poderemos descrever da seguinte forma: no grupo raparigas, grande percentagem tem aspirações bem vincadas no campo de interesses ao *ar livre* e *científicos* e rejeições igualmente bem vincadas pelas actividades *burocráticas* e *musicais*.

Por seu lado, o grupo rapazes vinca as suas aspirações nas actividades *sociais*, *científicas* e *literárias*, marcando de forma bem nítida a sua rejeição pelas actividades *mecânicas*, *persuasivas* e ao *ar livre*.

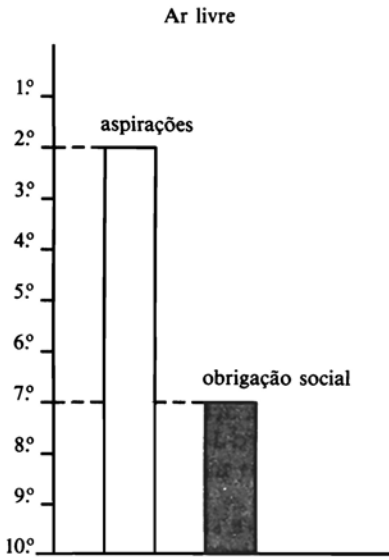
Se retomarmos a nossa hipótese de os interesses médios representarem um compromisso entre as aspirações sociais do indivíduo e a obrigação social, poderemos apreciar o comportamento das aspirações e das rejeições mais nítidas nos grupos raparigas para tentar dar mais um pequeno passo na difícil abordagem da génese das aspirações sociais. Na nossa amostragem, por exemplo, a vincada aspiração pelas actividades ao *ar livre* no grupo raparigas (gráfico III) traduz-se, a nível médio, numa norma de resignação perto do aceitável (7.º).

A outra vincada aspiração no grupo raparigas, interesses *científicos*, a nível médio exprime-se como uma das actividades menos escolhidas (gráfico IV). Quanto às duas grandes rejeições no grupo raparigas: interesses *musicais* e *burocráticos*, mantêm-se, a nível médio, também como actividades de pouco ou nenhum interesse (gráficos V e VI).

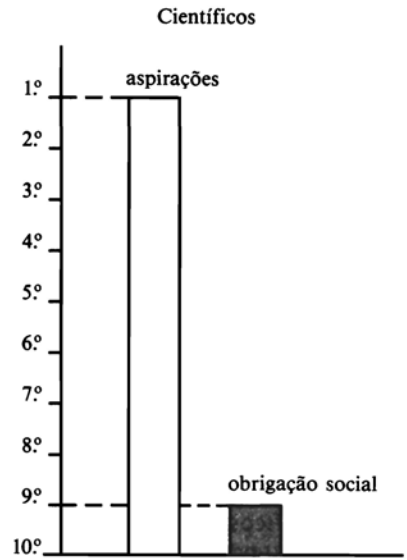
Poderemos assim concluir que o grupo raparigas não vê possibilidades de realização das suas aspirações ao *ar livre* e *científicas*, mas, menos conformista, hipoteticamente porque menos dependente da estrutura social, se desiste de realizar as suas aspirações, tenta manter as suas rejeições. Não sendo a mulher o esteio das instituições e definindo-se o seu estatuto social mais em contraponto com o homem, possuindo menos direitos, ela goza duma maior liberdade institucional, que mais facilmente lhe confere um papel dinamizador no processo de transformação social.

Interesses profissionais

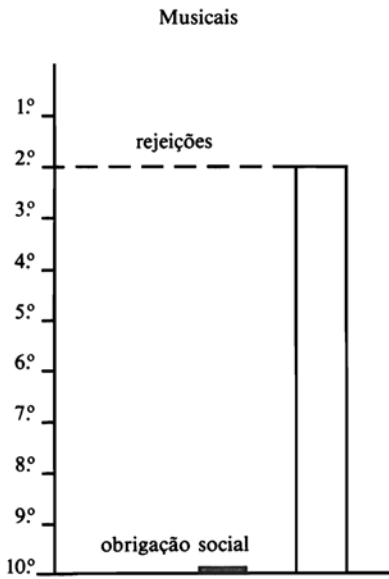
[GRÁFICO III]



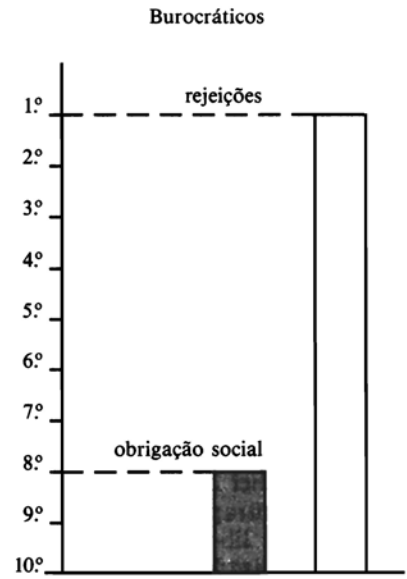
[GRÁFICO IV]



[GRÁFICO V]



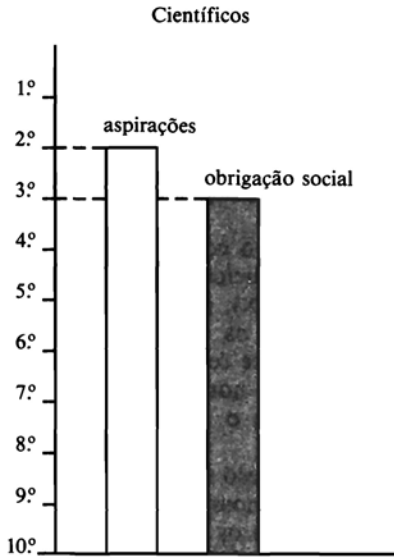
[GRÁFICO VI]



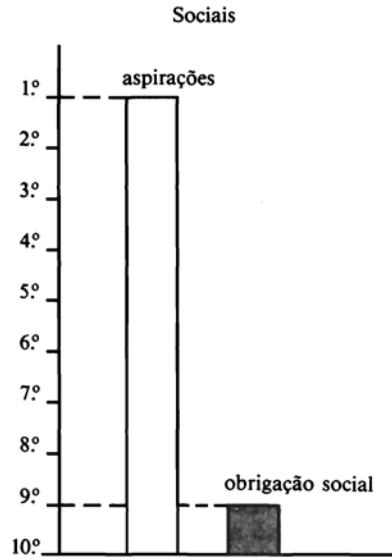
Interesses profissionais

[GRÁFICO VII]

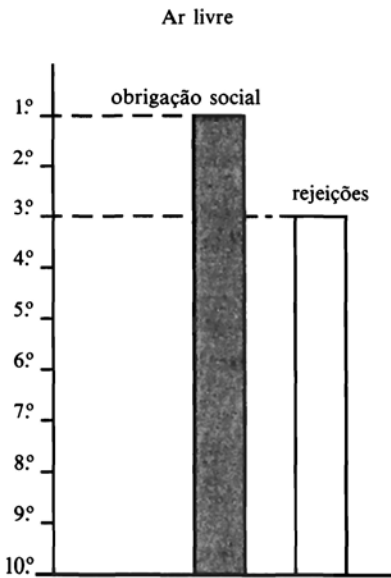
Rapazes



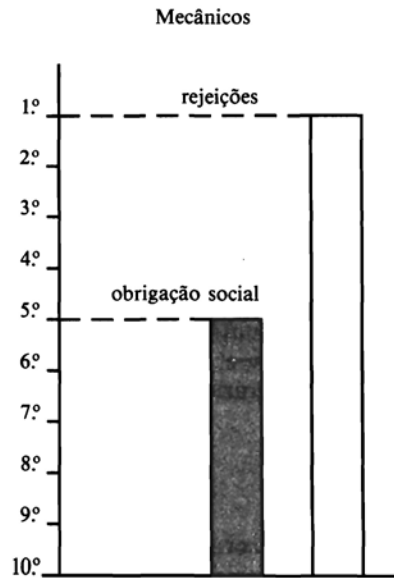
[GRÁFICO VIII]



[GRÁFICO IX]



[GRÁFICO X]



No grupo rapazes, o comportamento expresso nos gráficos VII e VIII, representativos das mais marcadas aspirações, reflecte nitidamente a discrepância entre as duas actividades igualmente desejadas (*científica e social*), mas diferentemente condicionadas pelos valores sociais actuantes. Esses valores privilegiam, de facto, a actividade científica (gráfico VII) para os homens, o que possivelmente leva a que, no campo concreto da acção, os rapazes a escolham também a nível médio (2.º e 3.º); verifica-se o contrário no campo de interesses por *actividades sociais*, que não são aceites entre os valores atribuídos aos homens, designando antes actividades próprias das mulheres; assim o entendem os rapazes que, numa percentagem insignificante, a escolhem como objecto de realização (1.º-9.º).

Quanto às grandes rejeições do grupo rapazes, o comportamento dos interesses de nível médio parece também ser condicionado pela pressão social; assim: nas actividades ao *ar livre* (gráfico IX), a sociedade impõe as suas normas para além da rejeição e vemos os rapazes aceitarem entusiasmados, a nível médio, aquilo que vivamente rejeitaram (1.º-3.º); nas actividades *mecânicas*, o conformismo com as normas sociais representa o espaço intermédio (5.º), sabendo nós que o nível de aspiração era (10.º).

Parece evidente, nestes gráficos, a denúncia do peso social que pusemos como hipótese condicionante na primeira parte do nosso trabalho, respeitante não só às aspirações sociais identificadas com os interesses superiores, como às rejeições identificadas com os interesses inferiores. Essa pressão social levará, por hipótese, a aproximar os interesses de nível médio do campo da *necessidade-obrigação*, com sacrifício das escolhas e mesmo das recusas, como é o caso dos rapazes.

4. PROSSEGUIMENTO DA INVESTIGAÇÃO. ALGUNS DADOS COMPLEMENTARES

Tendo em conta as hipóteses que começavam a delinear-se, seguindo a metodologia que leva ao estudo de casos individuais, numa análise directa, fizemos 40 entrevistas, das quais referimos seis, seleccionadas casualmente.

FILIFE

(14 anos — opção Economia — 11.º ano)

Interesses profissionais

Superior: científico, persuasivo, musical e artístico.

Médio: ar livre, mecânico, contabilidade, burocrático.

Inferior: literário, social.

Família

Pai: gestor.

Mãe: professora de Matemática.

Um irmão mais velho: economista.

Projecto pessoal

Quer ser gestor porque é uma profissão que «felizmente *neste país é ainda rentável*».

Levámos a nossa entrevista até onde nos foi possível para desencadear qualquer reflexo dos seus interesses *musicais* e *artísticos*, mas o Filipe não quis sair do círculo do dinheiro. Repete sempre a mesma ideia: «É melhor do que ser economista, porque se pode ganhar bem a vida, mesmo numa multinacional.» Ele quer superar o pai, que é gestor de uma pequena empresa, e quer sobretudo ter poder.

Conclusão

Filipe recusa as suas aspirações científicas, musicais e artísticas, limitando-se a fazer apelo ao seu desejo de afirmação pessoal (interesses *persuasivos*) e rejeitando os interesses interpessoais, a *literatura* e o *serviço social*. Mantém esse esforço de integração, sendo muito bom aluno, sobretudo em História e Contabilidade.

LUÍS

(15 anos — opção Economia — 11.º ano)

Interesses profissionais

Superior: científico.

Médio: ar livre, persuasivo, literário, musical, social, burocrático e artístico.

Inferior: mecânico.

Família

Pai: director de vendas.

Mãe: secretária de administração.

Uma irmã mais nova frequenta o mesmo liceu.

Projecto pessoal

Muito difuso, está mesmo um pouco perdido no meio da estrutura escolar. Sente-se atraído por todas as actividades, gosta de estudar, gosta sobretudo de Matemática. Escolheu a opção Economia porque não conhecia outras opções.

É bom aluno, resigna-se à ideia de ser gestor apesar das suas profundas hesitações e de ter a convicção de que «as pessoas deveriam fazer aquilo de que gostam»; não está disposto a lutar por isso.

Conclusão

As aspirações são: a ciência, o estudo, o «raciocínio científico»; segundo a sua própria expressão, ainda não encontrou o caminho para chegar onde quer.

CARLOS

(17 anos — opção Economia — 12.º ano)

Interesses profissionais

Superior: contabilidade, persuasivo, burocrático.

Médio: artístico, literário, musical.

Inferior: ar livre, mecânico, científico.

Família

Pai: empregado de hotel.

Mãe: «professora de Inglês para crianças».

Sem irmãos.

Projecto pessoal

Está obcecado pelo estatuto social. Diz permanentemente: «Quero ter um curso para ser respeitado.» Fala da Suíça, país onde esteve a trabalhar nas férias, como um *país onde há muito respeito*.

Durante a entrevista compreendemos que a palavra *respeito* é um valor social que se relaciona directamente consigo próprio. De resto, a versão que ele deu da história da sua família traduz a necessidade de camuflar a realidade e de tornar *mais nobre* o trabalho de seus pais. A mãe, por exemplo, sabe inglês porque foi emigrante e a sua ocupação como *professora* não ficou nada clara.

Conclusão

Em consequência, ele pede à sua profissão um lugar na vida, qualquer que seja, desde que *respeitado*. Gosta do futuro. Gostaria de trabalhar com computadores, mas tem medo do risco. É um aluno médio, irregular e muito pouco seguro de si.

FERNANDA

(17 anos — opção Economia — 12.º ano)

Interesses profissionais

Superior: contabilidade, persuasivo, burocrático.

Médio: ar livre, mecânico, científico, artístico, literário.

Inferior: musical, social.

Família

Mãe: operária.

Pai: controlador de autocarro.

Um irmão na escola primária.

Projecto pessoal

Gosta da sua mãe e respeita-a. Tem uma boa integração social, pelo menos a nível formal, e diz da sua mãe *operária*, como se dissesse *embaixatriz*. Já fez outros questionários de interesses profissionais e preocupa-se por ter interesses sociais tão baixos. Diz ter muito boas relações de vizinhança e dar-se bem com os colegas do liceu.

Gosta de Economia, Gestão e Matemática. Pensa encontrar um trabalho qualquer no fim do curso secundário para prosseguir os seus estudos.

Conclusão

Domina muito bem a sua agressividade social, de que se alimenta, e espera ter êxito no seu trabalho. Não é sensível aos valores colectivos, o que a obriga a uma atitude de divisão perante o grupo social a que pertence.

MARIA CRISTINA

(16 anos — opção Economia — 12.º ano)

Interesses profissionais

Superior: contabilidade, persuasivo, literário, burocrático.

Médio: científico.

Inferior: ar livre, mecânico, artístico, musical e social.

Família

Pai: empregado num banco.

Mãe: empregada num banco.

Dois irmãos, 14 e 15 anos, estudantes.

Projecto pessoal

Escolheu a Economia porque é «divertido» e porque «dá empregos».

Gostaria de trabalhar num banco, numa empresa ou num escritório, em qualquer caso, um trabalho de contacto com o público.

É boa aluna, mas não gosta de estudar, gosta de conversar, trocar ideias com amigos e com a mãe.

Gosta de música e sobretudo de dança; acha que dança muito bem.

Conclusão

Não está projectada no mundo do trabalho e, apesar de ser a mais velha dos irmãos, é muito infantil.

ANA CRISTINA

(16 anos — opção Economia — 12.º ano)

Interesses profissionais

Superior: contabilidade, persuasivo, literário.

Médio: ar livre, científico, artístico, social.

Inferior: mecânico, musical, burocrático.

Família

Pai: empregado de escritório.

Mãe: não trabalha.

Não tem irmãos.

Projecto pessoal

Gostaria de ser deputada, pois a discussão de ideias entusiasma-a. Gostaria de ser jornalista, ter uma *boutique* para criar coisas. Gosta de falar de poesia e de teatro. Gostaria também de viajar. Os pais escolheram Economia e ela fará o seu curso para ser livre.

Conclusão

Apesar da multiplicidade de projectos de vida, é muito boa aluna.

É muito criativa, mas toma as tarefas de uma forma muito pragmática, como se não lhe pertencessem. Nem a escola, nem a família são o clima ideal para a sua realização, mas, apesar de tudo, ela avança.

O *Questionário* de Kuder, base destas entrevistas, foi aqui aplicado na própria escola, notando-se uma maior coincidência entre as aspirações sociais e o curso escolhido. Pelas entrevistas poderemos verificar que esta coincidência é meramente formal, já que a determinante na escolha do curso, na maioria dos casos, nada tem a ver com uma aspiração transformadora, com uma intervenção social; duma maneira geral, trata-se de meros jogos de compromissos.

Estas entrevistas apresentam três dificuldades assinaláveis:

- a) Os alunos que se oferecem voluntariamente são, em geral, bons alunos, com capacidade de integração social e até mesmo de conformismo;
- b) O facto de as escolhas estarem influenciadas pelo curso que o aluno frequenta e condicionarem, *no ambiente da própria escola*, as respostas do aluno;
- c) A dificuldade de aprofundar este tipo de entrevista, que se destina mais a servir o entrevistador do que o entrevistado.

Este último ponto tem sido alvo da nossa atenção especial, já que o trabalho de investigação não pode ser um trabalho cego e a pessoa humana ocupa sempre o primeiro lugar; é assim difícil fazer entrevistas, e muitas vezes deveremos contentar-nos com a face externa dos problemas. A entrevista de orientação escolar nem é uma terapia, nem é uma pedagogia, no caso de se efectuar no quadro esporádico de uma investigação, e não no contexto duma observação continuada. O esforço de integração que o adolescente faz para se adaptar à sociedade real tem de ser valorizado e respeitado, mesmo que eventualmente nos pareça mal alicerçado.

O problema do possível desajuste é neste caso de ordem psicossocial; é a sociedade que é preciso transformar, não o aluno que deve ser confundido e perturbado no seu esforço de adaptação. A passividade do entrevistador e a consciência dos limites impõem-se.

No caso *b)*, o ponto extremo é marcado pela aluna que fez coincidir as suas aspirações sociais com o perfil duma profissão imposta pela família, a que acedeu *para ser livre* e que está longe de corresponder à sua *necessidade-aspiração*, de resto vivamente expressa.

No caso *a)* põe-se o problema do voluntariado: são os melhores, os mais afirmativos que se auto-escolhem como cobaias, o que formará eventualmente um universo diferente do dos alunos que vão isoladamente ao IOP dar conta dos seus problemas.

Quer isto dizer que, ao longo do nosso trabalho, mesmo apenas ao nível da escola, já encontramos alunos em situações diferentes que eventualmente cumpre comparar. Impõe-se assim o exame individual directo feito no IOP⁹.

5. HIPÓTESES PARA UMA TENTATIVA DE CONCLUSÃO

A permanência ao longo de vinte anos dum perfil profissional traçado pelas escolhas profissionais de nível superior dos alunos no momento da sua vida (fim da escolaridade secundária), em que elas representam as suas aspirações sociais, ou, pelo menos, parte importante do seu projecto de vida, põe, por um lado, por hipótese, o problema de bloqueio social, já que esse perfil se não expressa nem na ocupação profissional, nem nos valores socialmente expressos, e, por outro lado, a necessidade de interpretar a persistência de iguais aspirações e de iguais rejeições igualmente bem vincadas, ao longo de contextos sociais que formalmente se têm alterado.

Talvez que trabalhos sobre o sexismo na escola correlacionados com o estudo, em entrevista directa, da ocupação real e desejada dos tempos livres, e ainda inquéritos sociológicos sobre os hábitos e a vida nos bairros da cidade, ou em qualquer pequena comunidade, nos situem melhor em relação à gênese das aspirações sociais.

Com os dados até agora recolhidos na nossa população experimental poderemos pôr como hipótese o cenário duma escola e duma profissão não suficientemente empenhadas na realização da pessoa humana, e antes pesando sobre ela como factores asfixiantes, levando-a a alienar-se do estudo, da responsabilidade profissional, do espírito científico, do rigor do pensamento e a criar mecanismos de compensação num desiderativo fantasioso ou no desejo dum exclusivo lucro material do trabalho, na prepotência ou na permissividade dos comportamentos.

A escola situa-se no período da vida em que devem ocorrer transformações maravilhosas e fundamentais: é a grande aprendizagem, a integração social, a consciencialização do projecto de vida, a criação duma dinâmica individual, o sentimento do colectivo. A missão integradora da escola não consente a fixação no estabelecido; sem se desenraizar, ela tem de estar aberta à utopia permanente da transformação e do progresso. A forma de exercer a profissão é decorrente da atitude escolar, a responsabilidade e a exactidão do trabalho têm de estar ligadas à criatividade das soluções e à adaptação às necessidades sempre renovadas.

A insegurança social das *élites* políticas tem, depois do 25 de Abril, fornecido numerosos exemplos da incapacidade da classe escolarizada perante o rigor exigido por uma acção flexível, directa e colectiva.

O desajuste da escola em relação ao meio, já largamente documentado por centenas de trabalhos, tal como o da escola em relação à espera do

⁹ Temos recolhido uma boa contribuição para o prosseguimento desta investigação através da análise aprofundada de 40 alunos no IOP (1986-87) cursando o 12.º ano, que consta: de questionário elaborado no sentido de recolher dados complementares; de exame de orientação e de exame de personalidade individual, em muitos casos. O relato de 16 casos apresentado em Setembro de 1987, na EHESS, ao Prof. Chombart de Lauwe abriu caminho para que as hipóteses elaboradas no conjunto da população experimental (40 casos) possam, na segunda fase do trabalho, ser retomadas numa amostragem mais significativa e tratadas com aparelho estatístico adaptado.

próprio indivíduo, são elementos importantes na continuação desta investigação. Mas importa igualmente não só conhecer, mas também tentar correlacionar os referenciais na ocupação dos tempos livres, os limites previsíveis do sonho e da frustração, as coordenadas duma certa anarquia social do sofrimento e da ineficácia.

A acção transformadora da cultura não pode ser deixada necessariamente ao sabor dos ventos da história, muito menos à flutuação do produto interno bruto por habitante. A análise qualitativa das estruturas e dos sistemas de valores é tarefa prioritária neste domínio, hoje bem consciencializada no trabalho dos que, no campo da etnologia, da psicologia social e da política educativa, desejam entender, para além dos factos, o potencial transformador ou o peso de morte social que eles transportam.